

Televisão, Representação e Islã no Brasil

*Cesar Porto*¹

RESUMO

Este artigo pretende evidenciar que a televisão brasileira, especialmente através da telenovela *O Clone*, veiculou representações de árabes e muçulmanos na conjuntura do imediato pós 11 de setembro de 2001. Mais importante que isso, o texto visa demonstrar que essa produção ficcional funcionou como um instrumento didático para a audiência brasileira, oferecendo muitas informações da cultura e da religião islâmica em um momento delicado, quando essa tradição cultural e religiosa estava sendo bastante estigmatizada em boa parte da mídia informativa, por causa dos atentados terroristas perpetrados no dia 11 de setembro de 2001.

Palavras-chave: Islã, Telenovela, Representação, Informação

ABSTRACT

This article intends to show that brazilian television, especially through the telenovela *O Clone*, broadcast performances of arabs and muslims in the immediate post-September 11th, 2001 context. More importantly, the text aims to demonstrate that this fictional production functioned as an instrument didactic for the brazilian audience, offering a lot of information about the culture and the islamic religion at a delicate time, when this cultural and religious tradition was being stigmatized in much of the information media because of the terrorist attacks perpetrated on September 11th, 2001.

Keywords: Islam, Soap Opera, Representation, Information.

* * *

1 Introdução

No Brasil, o fenômeno da representação de árabes e de muçulmanos, bem como da religião islâmica, de uma maneira geral, teve na televisão o seu veículo de maior amplitude social. Aqui, a visão e a imagem que a maior

¹ Professor efetivo do Departamento de História da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Esse artigo constitui uma síntese de parte da minha tese de doutorado intitulada *Uma reflexão do Islã na mídia brasileira: televisão e mundo muçulmano, 2001-2002*. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, como requisito para obtenção do título de Doutorado em História Social. São Paulo, 2012.

parte da população tem da religião e da civilização islâmica, foi mediada e percebida visualmente via programação televisiva. Nesse sentido, essas imagens atuaram como um poderoso instrumento na difusão e construção do imaginário popular acerca do mundo muçulmano, de sua religião e dos povos árabes.

Para tanto, basta observarmos que, desde fins da década de 1960, uma produção imagética vem instaurando uma memória visual relacionada ao mundo islâmico na ficção nacional e também no telejornalismo do país. No entanto, deve-se ressaltar que foi principalmente a partir de uma telenovela, *O Clone*, exibida pela rede Globo entre outubro de 2001 até meados do ano seguinte, que a televisão brasileira atuou como uma instância mediadora na confecção e na disseminação de um conjunto de imagens e representações do Islã.

Após essa produção de natureza melodramática, dificilmente o público brasileiro deixou de associar os árabes e o mundo islâmico à novela, pois um grande número de informações sobre essa cultura e civilização foram transmitidas a uma enorme audiência de telespectadores que não tinha quase nenhuma informação sobre essa tradição religiosa, exceto, talvez, algumas vagas ideias e preconceitos.

Quantas pessoas não se introduziram no universo árabe muçulmano através das cenas, diálogos e imagens da novela? A narrativa de *O Clone* atuou como fonte de provocação ativando a curiosidade de muita gente. Muitos telespectadores que assistiram a trama “correram” atrás de outras fontes (livros, revistas, jornais) para saberem se as coisas aconteceram de fato como a telenovela retratou. No contexto do imediato pós 11 de setembro, essa produção ficcional cumpriu uma importante função pedagógica, informando as audiências e levando representações do Islã que escapavam do estereótipo da violência, do terrorismo e do fanatismo fundamentalista – narrativas estas que predominavam na mídia informativa de uma maneira geral.

Esse artigo tem como objetivo central evidenciar esse importante papel pedagógico dessa telenovela naquele momento, marcado pelos polêmicos e trágicos atentados terroristas em 2001. Além disso, o texto pretende destacar a relevância dessa produção ficcional na promoção de um olhar mais humanizado acerca do Islã e dos árabes muçulmanos.

Para tanto, iniciaremos nossa argumentação enfatizando o potencial pedagógico da teledramaturgia brasileira, que desde a década de setenta tem produzido narrativas conectadas com a realidade nacional pautando temas importantes do cotidiano dos brasileiros. Em seguida, analisaremos o enredo de *O Clone*, procurando evidenciar a sua pedagogia na disseminação de informações sobre os muçulmanos e sua religião, reconhecendo, acima de tudo, sua importante instrumentalização na humanização do Islã e dos seus seguidores.

2 A telenovela brasileira e sua dimensão didática

Determinados programas da ficção televisiva podem elucidar aspectos da sociedade contemporânea, de sua cultura e política. Em 2001, a televisão brasileira se destacou no processo de representação do Outro muçulmano, no contexto do imediato pós 11 de setembro. Naquela ocasião, o cenário que predominava nos meios de comunicação internacionais em relação ao Islã, aos muçulmanos e aos árabes em geral, era o de uma cultura islâmica fortemente relacionada com a violência terrorista e o fanatismo fundamentalista, principalmente por parte de uma mídia que dava grande destaque a questão dos atentados terroristas e do início da guerra ao Afeganistão em fins do ano de 2001.

Contudo, no Brasil, a mídia informativa, em especial o telejornalismo não teve o monopólio na construção de representações sobre o Islã e os muçulmanos. Cerca de duas semanas após os atentados, a rede Globo levou uma telenovela ao horário nobre, com o tema do Islã e da cultura muçulmana entre outros. *O Clone* atingiu elevada audiência e, a partir de

então, o Islã e os muçulmanos de uma maneira geral, passaram a ser associados a uma telenovela por grande parte do povo brasileiro. A novela falou mais sobre essa religião do que todo o telejornalismo da época. Pode-se falar que *O Clone* desempenhou um papel de “utilidade pública”.

Essa telenovela se apresentou como um registro de representações sobre o Islã, portanto, foi um “agente histórico”, verdadeiro documento de uma época e lugar de memória sobre a cultura dos muçulmanos no Brasil, mas o que tornou essas representações tão relevantes? Em nossa opinião, a carência de informações, o desconhecimento em relação ao assunto e, principalmente, a ênfase negativa por parte do telejornalismo no contexto do pós 11 de setembro, fizeram com que uma produção ficcional de natureza melodramática cumprisse um relevante papel didático, sobretudo para um grande público que não tinha acesso a leitura de jornais e revistas e tampouco tinha o hábito de ler livros sobre outras culturas.

Historicamente as telenovelas brasileiras, sobretudo as produzidas pela rede Globo, levaram temas polêmicos para a televisão brasileira, tais como racismo e outros assuntos da política, incorporando assim problemas e questões do dia a dia. Algumas delas foram interessantes vetores que levaram para a TV de mudanças comportamentais a aspectos do mundo da moda e da sociedade de consumo, passando também por questões que atravessam as relações de família e de gênero. Temas importantes tais como: transplante de órgãos, inseminação artificial, combate às drogas, entre outros também já foram pautados nas telenovelas.

Nesse sentido, pode-se argumentar que a telenovela brasileira extrapolou em muito o âmbito do mero entretenimento, tornando-se um instrumento de informação e educação para as massas. Para muitos, a televisão de uma maneira geral, e a telenovela em particular, não passam de entretenimento acrítico e emburrecedor. Até começos dos anos 90, pode-se falar em certo desinteresse acadêmico no Brasil, quando o assunto está relacionado a pesquisas acerca da programação ficcional televisiva. Além disso, para piorar, muitos críticos que escreviam em jornais e revistas não

tinham conhecimento sobre o assunto. Seus comentários eram, muitas vezes, feitos sem uma análise prévia do conteúdo.

No entanto, o fato é que o Brasil desde a década de setenta é mundialmente conhecido como produtor e exportador de ficções televisivas de boa qualidade. Suas novelas sempre foram premiadas no exterior e são exportadas para muitas dezenas de países espalhados pelos vários continentes.

A mídia em geral, e, sobretudo a televisão, são agentes disseminadores de representações. John B. Thompson, chama a atenção para o fenômeno da “mundanidade mediada”, ou seja, boa parte do que compreendemos acerca do mundo é modelada pelos produtos da cultura da mídia. Também muitos eventos e acontecimentos do passado são introduzidos via televisão naquilo que o autor denomina de “historicidade mediada” (THOMPSON, 1998, p. 38-39). Em relação a esse último aspecto, basta atentarmos para a proliferação de séries, documentários e filmes de fundo histórico.

No Brasil, a televisão vem redefinindo o espaço público nacional já há um bom tempo. Basta observarmos o caso da ascensão da rede Globo no cenário brasileiro a partir da década de setenta. Para Maria Aparecida Baccega, a TV é um agente de formação, uma poderosa ferramenta de educação (BACCEGA, 2000, p. 95). Já Martín-Barbero fala que a comunicação se converteu em um “ecossistema comunicativo” que possibilita a emergência de outro tipo de cultura, de outro modo de ver, ler, aprender e conhecer. Tudo isso no contexto de uma profunda mutação nos modos de circulação do saber (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 60).

Rosa Maria Bueno Fischer, também reconheceu a TV como um lugar especial de se educar, especialmente em relação ao estudo do “Outro” (FISCHER, 2006, p. 46). Para essa pesquisadora nossa televisão tem se apresentado como uma instância da cultura que oferece mais do que informação, lazer e entretenimento. Além disso, uma pioneira nos estudos acadêmicos relacionados ao melodrama televisivo no Brasil, Maria de

Lourdes Motter, destacou que a novela das oito da rede Globo, tem o caráter de maior tribuna do país – ela também foi uma das primeiras autoras a chamar a atenção para o aspecto educativo das telenovelas brasileiras (MOTTER, 2000, p. 59).

Podemos até citar, a título de exemplo, duas novelas que cativaram o público brasileiro e chamaram a atenção dos brasileiros para questões importantes e contemporâneas. *Selva de Pedra* levou a oposição entre o país “tradicional” e o Brasil “moderno”. Já a novela *O Rei do Gado* pautou a questão da reforma agrária, e, conforme Eugênio Bucci comentou, nessa produção não só a questão agrária foi projetada, como os sem-terra acabaram ganhando rostos humanos (BUCCI, 2004, p. 227).

Pode-se mesmo falar, como Esther Hamburger, em uma dimensão pedagógica da telenovela nacional. Portanto, também se aprende com a telenovela. Essa autora, citando trecho de um importante estudioso do melodrama brasileiro, o antropólogo e professor da Universidade de Michigan, Conrad Kotak, destacou que “o conhecimento da população local teria se ampliado consideravelmente, especialmente no que tange a noções de geografia e conhecimentos gerais sobre certos povos do planeta” (HAMBURGER, 2005, p. 24). Vale considerar que as conclusões de Kotak convergem com as observações já apontadas por Rosa Maria Bueno Fisher que reconheceu o papel de programas televisivos ficcionais na promoção de uma visão educativa em relação ao “Outro”. Mais adiante veremos que foi o caso da telenovela *O Clone* que promoveu um olhar que valorizou a alteridade em relação aos árabes e muçulmanos.

Outro pesquisador estrangeiro, Thomas Tufte fala em “tendência internacional de entretenimento-educação”. Para ele, em muitos casos “a ficção televisiva prova maior relevância e ainda mais significado do que as notícias do jornal da noite” (TUFTE, 2004, p. 298). Conforme viemos afirmando, foi o caso de *O Clone* que funcionou como um importante “recurso comunicativo”. Incorporou um tema novo a partir de uma matriz

melodramática. Nessa telenovela, a dimensão informativa caminhou lado a lado com o dispositivo melodramático.

A telenovela contextualiza sem pressa, divertindo através do discurso lúdico que envolve a audiência em uma relação afetiva com os personagens. Ela possui uma dinâmica seriada, diária, com textos curtos e dados sucintos, mas que garantem o fornecimento de uma grande quantidade de informações com uma surpreendente riqueza de detalhes. A telenovela pode adaptar seu roteiro às temáticas mais variadas, possibilitando a fruição prazerosa por parte de seu público.

3 O Clone e sua pedagogia na humanização do Islã e dos muçulmanos

Essa produção televisiva, de autoria de Gloria Peres, levou o Islã para a pauta de discussões da sociedade brasileira. A novela fez referência a importantes significados culturais. Em *O Clone*, até mesmo as situações dramatúrgicas da novela e as “soluções narrativas” propostas pela autoria e produção levavam ensinamentos e informações para os telespectadores que assistiram a trama.

Uma importante e interessante solução narrativa levada a cabo pela autoria e produção dessa novela foi o papel do personagem “tio Ali” interpretado pelo ator Stênio Garcia. O “tio Ali” era apresentado como um patriarca familiar que demonstrava profundos conhecimentos da religião e da cultura islâmica. A discussão do Islã entrava no enredo do melodrama principalmente através de perguntas feitas pelas sobrinhas e sobrinhos do patriarca a ele. Nas cenas, o ancião respondia às perguntas sempre de maneira professoral, informando ao público sobre questões variadas acerca da religião islâmica, da vida do profeta e de outras informações da tradição árabe como culinária, costumes e superstições. Não faltaram nem comparações com a tradição cristã, o que em meu modo de ver foi outra

solução narrativa interessante, na medida em que a autoria e a produção procuraram aproximar o Islã da tradição cristã.

Por outro lado, deve-se destacar que telenovela não pode complicar muito, pois atinge um público variado, que abarca pessoas de diversas idades e diferentes condições socioculturais. As próprias limitações da mensagem televisiva fazem parte do meio televisivo e do gênero melodramático que muitas vezes tende a simplificações e repetições e até mesmo a caricaturizações. Essa narrativa não fugiu a esse padrão: apesar de sua importante dimensão didático pedagógica, como já afirmado, ela também reproduziu muito do velho imaginário orientalista típico das Mil e Uma Noites. Contudo, para os propósitos deste artigo não iremos analisar aqui essas representações.² Apenas mais adiante, será destacada que muitas dessas representações orientalistas caminharam em um sentido que privilegiou o respeito as diferenças e a inclusão do Outro.

Eugênio Bucci, também foi um intelectual que já vinha destacando a posição hegemônica conferida a rede Globo na configuração do espaço público nacional. Conforme já apontamos, esse autor reconheceu que muitos dados da realidade bruta entraram para a pauta nacional a partir das telenovelas. Assuntos variados que eram tabus nos noticiários ganharam o debate público pela porta da novela (BUCCI, 2004, p. 225).

Em *O Clone*, destacamos que, um tema tabu, discutir a religião islâmica e a cultura muçulmana, foi tratado na ficção com leveza, a partir de textos curtos, dados sucintos e informações pontuais para facilitar o entendimento das pessoas, que, em sua maioria não tinham informações daquela civilização. A novela se apropriou de um repertório informativo, ágil, de cunho pretensamente objetivo. Como já apontado, via soluções narrativas bastante interessantes, o enredo desse melodrama televisivo cumpriu uma importante função didático-pedagógica. O próprio Eugênio

² Ver, por exemplo, o quarto capítulo de minha tese de doutorado. Ver também de minha autoria o artigo intitulado “A presença das “mil e uma noites” na ficção televisiva e cinematográfica”. Revista Caminhos da História. V. 18, nº 2, 2013.

Bucci reconheceu essa telenovela como uma linha auxiliar do telejornalismo ao longo da exibição da trama (em um período que coincide com o imediato pós 11 de setembro e com a guerra do Afeganistão). Ele apontou o fato da novela ter transformado o assunto em conversa familiar gerando uma empatia em meio ao público e humanizando os muçulmanos (BUCCI, 2002), ao contrário de boa parte do telejornalismo da época que insistia nas temáticas da violência, do terrorismo e da opressão do fundamentalismo islâmico.

Concordamos com Bucci, pois conforme nossa pesquisa comprovou, O Clone falou dos pilares da religião, da vida do profeta, do cotidiano familiar islâmico e de outros aspectos como, por exemplo, da culinária árabe, com uma surpreendente riqueza de detalhes que dificilmente aparecem nos telejornais. A trama humanizou os muçulmanos e sua religião com representações mais positivas que aquelas evocadas pela maioria do telejornalismo. Em vez de vincular o Islã e sua gente ao binômio violência e terrorismo e a questão do fundamentalismo, inundou a esfera pública mediada com imagens e informações da religião, do profeta, do alcorão e de vários aspectos da vida cotidiana muçulmana.

Concluimos também que a novela mostrou a existência de posições divergentes no seio da comunidade muçulmana rompendo com a visão estereotipada que vê essa cultura como monolítica. A solução encontrada aqui pela autoria e produção foi levar para o enredo um debate que envolveu os dois personagens principais da trama – pelo menos em termos da dimensão didática quanto ao tema do Islã e da cultura árabe-muçulmana –. De um lado tinha-se o “tio Ali” que, conforme já apontamos representava um ancião muçulmano sábio e experiente. Na novela o Ali representava o Islã moderado, ou seja, encenava um muçulmano perfeitamente adaptado ao mundo moderno e ao Ocidente. Do outro lado, tinha-se o “tio Abdul”, interpretado pelo ator Sebastião Vasconcellos, que representava o Islã

conservador, quase radical. Esse personagem tinha muitas dificuldades em se adaptar à modernidade, à tecnologia e ao Ocidente.³

Ao longo dos mais de duzentos capítulos da telenovela o Ali e o Abdul travaram vários diálogos sempre adotando posições divergentes em relação a vários temas que atravessam as sociedades islâmicas na contemporaneidade. Os dois patriarcas debateram acerca da questão da criação dos filhos pelos muçulmanos, da questão do estudo e do trabalho por parte das mulheres muçulmanas, do convívio com os ocidentais e outros temas que fazem parte do cenário cotidiano dos muçulmanos. Nessas discussões, o tio Ali sempre agia com sabedoria e moderação levando para o público que assistiu ao melodrama uma imagem de uma religião pautada pelo debate e que acomodava também as divergências e posições antagônicas em relação a várias questões importantes relacionadas a vida cotidiana contemporânea daqueles povos.

Podemos mesmo afirmar que a telenovela *O Clone* atuou como uma janela aberta para o mundo ao revelar importantes questões atuais que perpassam a maior parte das sociedades muçulmanas diante dos desafios impostos pela modernidade e pela influência da cultura ocidental. Essa narrativa ficcional estimulou e provocou o público que assistiu através dos variados debates que culminaram levando uma profusão de informações acerca dessa tradição civilizacional.

Além disso, por meio da intertextualidade a telenovela retomou antigas tradições do orientalismo literário e que foram adaptadas, modeladas e reelaboradas na indústria cinematográfica e televisiva durante mais de um século. Desenvolvemos o conceito de orientalidade para conceituar esse material imagético formado por um conjunto de imagens canônicas que configuram representações audiovisuais recorrentes quando o assunto é o Oriente, os árabes e muçulmanos, bem como sua cultura e religião.

³ Ver o capítulo terceiro da minha tese de doutorado.

Boa parte desse conjunto de representações evocados na produção audiovisual pertence a um imaginário oriundo de uma tradição orientalista que tem nas *Mil e uma Noites* a sua principal matriz literária. Esse monumento da literatura universal foi apresentado aos europeus a partir do final do século XVIII – na versão de Antoine Galland – e se tornou a principal matriz de uma produção imagética acerca do Oriente, dos árabes e também dos muçulmanos, apesar dos contos não se referirem diretamente ao universo da religião. No século XX, sobretudo o cinema reproduziu esse repertório com uma grande quantidade de filmes⁴ sobre os árabes e sua cultura. Séries, desenhos animados como o aclamado *Aladdin* e até telenovelas seguiram esse padrão orientalista.

Claro que a ficção audiovisual brasileira não ficou de fora desse padrão orientalista, impregnado pelo imaginário da orientalidade. Aliás, não é de hoje que novelas brasileiras representando orientais, especialmente árabes, são produzidas pela televisão nacional. Na década de sessenta, *O Sheik de Agadir* já iniciava esse modelo de representação, embora exagerando na dose do exotismo. Vale lembrar que na literatura brasileira a produção de Jorge Amado já havia incorporado vários personagens de origem sírio-libanesa, comumente chamados de “turcos” na tradição cultural. A rede Globo, por exemplo, levou várias obras do autor baiano para a televisão, imortalizando vários personagens caricaturados como “turcos” em novelas que eram adaptações de romances, como foi o caso de *Gabriela Cravo e Canela* que acabou tendo duas adaptações. E, não foi somente a Globo que investiu nesses personagens caricatos. No início da década de oitenta, a telenovela *Os Imigrantes*, exibida pela rede Bandeirantes, também abordou essa temática, dando forte ênfase à figura de comerciantes

⁴ Ver: SHAHEEN, Jack G. *Reel bad arabs: how Hollywood vilifies a people*. Massachusetts: Olive Branch Press, 2015. Nesse livro, o autor analisa centenas de filmes de Hollywood, evidenciando que há quase um século são veiculadas imagens dos árabes como vilões no cinema, e que estas se tornaram um padrão comum nessa indústria cultural.

de origem libanesa, que atuavam como mascates vendendo mercadorias no estado de São Paulo⁵.

O imaginário da orientalidade nos permite conhecer a alteridade a partir da experiência mediada promovida pelos meios de comunicação. Sendo assim, a telenovela *O Clone* possibilitou a construção de um olhar mais positivo sobre o Outro muçulmano em um contexto geopolítico marcado pelo acirramento das tensões que envolvem o Ocidente e o Oriente islâmico.

Esse produto audiovisual ajudou a promover o entendimento entre povos e culturas diversas no início do milênio atual. A narrativa “telenovelesca” promoveu um afastamento em relação ao discurso marcado pela islamofobia que, pelo menos no que diz respeito ao continente europeu, tem raízes bem antigas, conforme demonstrado por autores como Edward Said e Sophia Rose Arjana. Todorov assinala que a mídia europeia tem contribuído para a criação de uma “atmosfera hostil” em relação ao Islã (TODOROV, 2010, P. 18-19). Por isso, independentemente de qualquer limitação inerente ao meio, ao gênero e também ao enredo, *O Clone* tornou os brasileiros mais conscientes da existência de uma sociedade globalizada e das diferenças culturais existentes no mundo.

Considerações finais

O Islã foi um tema que durante muito tempo passou ao largo do cotidiano de boa parte da população brasileira. Logo uma telenovela que levou essa temática para as audiências no horário nobre da televisão brasileira contribuiu para a divulgação do conhecimento histórico dessa cultura e tradição religiosa, trazendo a tona uma gama de informações e discussões, ampliando assim os limites desse debate até o grande público.

⁵ Acerca das representações de árabes e “turcos” na teledramaturgia brasileira ver o meu artigo PORTO, César Henrique de Queiroz. Alteridade nas representações de árabes e muçulmanos na teledramaturgia nacional. Projeto História, São Paulo, v. 61, pp.320-352, Jan-Abr, 2018.

Para milhões de pessoas que assistiram a trama, o Islã significou aquilo que a telenovela mostrou. Para muitos brasileiros, essa obra de ficção televisiva foi exatamente o primeiro encontro com um tema que envolveu o mundo muçulmano – a despeito de alguns terem tido imagens e visões pontuais e fragmentadas no telejornalismo. Por isso mesmo, essa obra audiovisual contemplou uma importante dimensão didática, mesmo dentro dos limites inerentes ao gênero e à dinâmica representacional, que se utilizou de linguagem simples e fácil, acessível e de esquemas simplificadores.

Pode-se concluir que, apesar de tudo, *O Clone* empreendeu um trabalho de aprendizado social, ensinando na perspectiva das representações elementos da religião islâmica e da cultura árabe e muçulmana de uma maneira geral, na medida em que levou para a maior parte dos telespectadores um assunto novo, de difícil compreensão, contribuindo assim para promover um retrato mais humanizado e positivo dos árabes e muçulmanos.

Por fim, acreditamos que tais representações possibilitaram a criação de atitudes mais favoráveis em relação aos árabes e muçulmanos, pelo menos não os associando de imediato à violência, ao terrorismo e ao fanatismo fundamentalista. Essa produção conseguiu promover uma maior compreensão da audiência em relação ao Islã, pois a maior parte das imagens e representações evocadas terminou por mobilizar percepções mais positivas sobre o Outro islâmico.

Referências bibliográficas

ARJANA, Sophia Rose. *Muslims in the Western Imagination*. EUA: Oxford University Press, 2015.

BACCEGA, Maria Aparecida. *Comunicação/Educação: aproximações*, p.95. In: BUCCI, Eugênio (Org.) *A TV aos 50 – Criticando a TV brasileira no seu cinquentenário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 95-110.

BUCCI, Eugenio. Cidade do conhecimento. *O Islã segundo Glória Perez*. Disponível em:

<http://www.cidade.usp.br/educar2002/modulo3/tpl_mensagemcol73.html?id_mensagem=3>. Acesso em 22 de junho de 2011.

BUCCI, Eugenio. Ainda sob o signo da Globo. p. 220-240. In: *Videologias: ensaios sobre televisão*. BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. São Paulo: Boitempo, 2004.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GLOBO Publicações. *Um outro olhar – o mundo árabe e o Islã através da novela O Clone*. São Paulo: Globo, 2002.

HAMBURGER, Esther. Análise: drama vai a novo território imaginário. In: *Folha Online*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u18408.html>>. Acesso em: 13 de outubro de 2009.

_____. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAES, Fernando. *A História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*; organizadora do volume Lília Moritz Schwartz. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. *O Brasil antenado: a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: Edusc, 2001.

_____. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo, p. 119-147, in *Sociedade Midiatizada*. Org. Denis de Moraes. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Denis de (Org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.

MOTTER, Maria de Lourdes. Telenovela e educação: um processo interativo. *Comunicação & Educação*, São Paulo (17): 54-60, jan./abr. 2000.

MOTTER, Maria de Lourdes. Mecanismos de renovação do gênero telenovela. Empréstimos e doações, p. 251-291. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). *Telenovela – Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004.

PERES, Glória. *O Clone*. Direção: Jayme Monjardim e Marcos Schechtman, 1º de outubro de 2001 a 15 de junho de 2002. Número de episódios: 221.

PORTO, César Henrique de Queiroz. A presença das “mil e uma noites” na ficção televisiva e cinematográfica. *Revista Caminhos da História*, v. 18, n. 2, 2013.

_____. *Uma reflexão do Islã na mídia brasileira: televisão e mundo muçulmano, 2001-2002*. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP, como requisito para obtenção de título de Doutorado em História Social. São Paulo, 2012.

_____. Alteridade nas representações de árabes e muçulmanos na teledramaturgia nacional. *Projeto História*, São Paulo, v. 61, pp.320-352, jan-abr. 2018.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SHAHEEN, Jack G. *Reel bad arabs: how hollywood vilifies a people*. Massachusetts: Olive Branch Press, 2015.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *O medo dos bárbaros: para além do choque das civilizações*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TUFTE, Thomas. Telenovelas, culturas e mudanças sociais: da polissemia, prazer e resistência á comunicação estratégica e ao desenvolvimento social, p. 293-314. In: LOPES, Maria Immacolata Vassalo (Org.). *Telenovela – Internacionalização e Interculturalidade*. São Paulo: Loyola, 2004.